

ENTREVISTA COM LAURENTINO AFONSO: DA TEOLOGIA À CONSCIENCIOLOGIA¹

Alexandre Zaslavsky

Lauisa Barbosa Pinto Afonso

Como foi sua infância e de que modo se identificou com o paradigma católico?

Nasci no interior de Minas Gerais, em 1938, no mês de abril. Era um ambiente rústico, sem nenhuma modernidade. A minha casa não tinha reboco, sem forro, só tinha telhado, não tinha água encanada, não tinha banheiro nem dentro e nem fora. Eu vivi nesse ambiente durante 10 anos. Não havia escola. Com 8 anos eu já levava os cavalos e burros para tocar um engenho de rapadura, mais tarde de cachaça também, de meu avô. A minha infância foi voltada para as coisas da terra.

Com 10 anos nós mudamos para a cidade e eu entrei na escola. Em abril de 1948, eu fui pela primeira vez ver o que que era um escola. Era analfabeto. Logo no começo tive problemas porque a gente falava um dialeto, não era o português padrão, os meninos da cidade zombavam da gente e eu nunca aceitei bullying. É bom que eu conte para saberem como era o meu gênio também, o meu caráter.

Após 2 anos e meio, eu estava brincando na rua, quando um rapazinho que eu conhecia passou com um padre, depois vim a saber seu nome: Pedro Balint². Eu parei, olhei para o menino e falei: Aristide, onde é que você vai indo? Ele disse: vou para o seminário. Eu larguei tudo, peguei as bolinhas e pus no bolso: “eu também vou”! E corri lá para o padre. O padre me deu atenção, conversou comigo: “filho, não vai dar para levar você agora, pois já vamos amanhã, mas em janeiro a gente volta para buscar você, fala com seus pais”. Tomou nota do meu endereço, nome, e foi embora. Alguns meses depois, apareceu outro padre, mas do mesmo lugar. Ele convocou-me à casa paroquial, conversou e marcou para em janeiro vir me buscar.

Em janeiro, Padre Balint veio, minha mãe tinha acabado de dar à luz e algumas amigas dela arrumaram roupa para me preparar. Três dias depois eu fui para o seminário. Me dei bem no seminário, gostei de estudar, fiz a admissão, preparação para o ginásio, porque eu tinha só o terceiro ano do primário. Eu fiz o quarto

1 Entrevista gentilmente concedida por videoconferência nos dias 18 e 19/03/2020.

2 Pedro Balint (Romênia, 1901 – São Paulo, 1984), padre da Congregação de Sion, fundou o Círculo Operário do Ipiranga em 1936 e o Hospital Leão XIII em 1942.

ano e a admissão tudo num ano só. Em agosto já tinha conseguido alcançar todos os outros e comecei a tirar nota boa. Diz-se que modéstia é bobagem, daquele dia em diante eu peguei primeiro lugar em praticamente todo o seminário menor, eu não deixei lugar pra ninguém, o estudo se tornou para mim algo apaixonante.

Eu fiquei nesse seminário durante um ano e meio e aí aconteceu um incidente. Nós estávamos brincando, à noite depois do jantar, e um dos vigilantes, um estudante mais velho, propôs uma brincadeira de a gente pegar um dos colegas e empurrar numa encosta entre os pátios, e assim a gente foi fazendo para ver quem era capaz de escapar. Não tinha perigo nenhum, beleza. Acabou o recreio, fomos rezar o terço, estudar e depois dormir.

No dia seguinte, resolvemos fazer de novo aquela brincadeira. O vigilante veio bravo dizendo que nós estávamos fazendo uma brincadeira que não podia. “Brincadeira de mão é brincadeira de vilão”, esse era o ditado que eles tinham. Só fui entender isso quando estava na Filosofia, que era para evitar pedofilia ou contatos homossexuais.

Mas ele tinha iniciado a brincadeira na véspera e no dia seguinte, porque ele não estava presente, não podia, e nos deu castigo: justamente escrever 50 vezes “brincadeira de mão, brincadeira de vilão”. Quem leu o *Louis Lambert*³ sabe que no internato dele também tinha esse tipo de castigo. Então eu falei: “eu não vou fazer isso, não”. Escrevi apenas uma ou duas vezes, ele veio pegar e viu que não terminei. E assim foi um dia, outro dia, e eu não escrevia. A frase aí já estava em 1000 vezes, ia aumentando. Eu tinha um senso de justiça muito grande e achava aquilo injusto.

No meio do ano, um padre superior me chamou e falou assim: “Você tem uma escolha: ou você faz o castigo ou você vai embora”. Aí eu falei: “eu prefiro ir embora do que ficar num seminário que dá castigo injusto”. Arrumei minha trouxazinha e no outro dia fui embora.

Quando cheguei em São Paulo, o padre que tinha me levado e me patrocinava perguntou o que aconteceu, tinha uma das melhores notas. Contei para ele e ele pegou o telefone e ligou pra lá, confirmou, e disse: “você topa ir para Castro (Paraná)?” E eu falei: “não sei onde é, mas topo”. Ao invés de ir para casa, fui para um outro seminário da mesma congregação. Lá o negócio complicou para mim, porque a notícia de que eu era um mau elemento tinha chegado antes. Tive que mudar completamente meu comportamento, virar santinho, sabe? Durante 4 anos e meio fiquei lá e depois fui fazer Filosofia.

3 Livro de Honoré de Balzac, classificado nos Estudos Filosóficos, expõe o fenômeno da projeção consciente e propõe a denominação de *Homo duplex* ao projetor. Laurentino Afonso traduziu a obra, publicada pela editora Epígrafe em 2020.

Por que você viu o menino com o padre e quis ir junto? O que pensou, sentiu?

Eu tinha um primo, que eu não conhecia pessoalmente, tinha ido para o seminário e depois saiu. Ele acabou vindo morar uns tempos na casa dos meus pais e eu ouvi falar de salvar as almas, o meu negócio era salvar as almas. Outra coisa era sair daquele ambiente onde eu estava. Poucos meses antes estive um circo em Paraisópolis. Eu fornecia o cavalo para o palhaço fazer propaganda e então tinha entrada grátis. Queria fugir com o circo, mas eles não quiseram me levar.

Outra coisa, eu quando criança me perguntava de quem eu era filho, achava que não era filho de meus pais. Um estranho no ninho, uma expressão que bate bem com a minha realidade. A ideia de estudar era importantíssima para mim. Eu queria aprender, saber das coisas, viajar, abrir a cabeça.

E como foi no curso de Filosofia em relação às discussões teológicas?

Na Filosofia a gente podia ler jornal, ter informação, ler outros livros, e minha cabeça começou a se ampliar. Durante as aulas, a gente discutia religião, discutia um par de coisas, e tinha um problema que eu não aceitava. Era justamente a ideia de que se não fosse batizado, não tinha salvação, ia para o inferno. Eu achava que isso era injusto, afinal de contas tem os chineses, os hindus, os índios, etc. Eu argumentava com o professor de Filosofia: “Abraão está no inferno?”. Resposta: “Não, Santo Abraão”. E Jacó? E Moisés? Não. Um profeta, um rei de Israel, Davi. Não. São José? Não tá no inferno, é santo. Mas ele não foi batizado, né?

Eu argumentava que, Jesus não veio para salvar, veio para atrapalhar, porque antes dele vir a pessoa podia ir para o céu sem ser batizado. O padre enrolava e não tinha resposta. A questão do inferno começou a me perturbar, não batia com minhas intuições de justiça. Naturalmente ainda num ambiente que Deus era o principal, mas Deus era justo, bom, pai, etc.

Falando nisso, tenho que voltar quando eu tinha 3 anos e meio. Eu tinha um irmão 2 anos mais velho e um irmãozinho 2 anos mais novo. Esse irmãozinho estava doente e papai e mamãe não tinham dormido direito de noite, o menino melhorou e eles queriam dormir mais cedo. Nós ficamos brincando nos pés da cama deles, dando cambalhotas. Papai perdeu a paciência, levantou, e usou a cinta em meu irmão mais velho e depois em mim. Depois que ele parou, fomos para o alpendre, a gente via as estrelas, chorávamos e gritávamos: “ai ai ai papai do céu, vem me acudir”. Num dado momento eu parei e falei: Josino – era meu irmão mais velho – não vamos mais gritar papai do céu, foi papai que bateu em nós, vamos gritar só ai ai ai.

Naquele momento, eu liguei o arquétipo de pai com o pai da terra, e se o pai da terra era capaz de bater, de fazer aquilo com a gente, não adiantava pedir para o papai do céu, era da mesma laia. A vida inteira eu me lembro disso, mas muito tarde eu vim a raciocinar sobre a minha maneira de encarar as coisas, eu não

aceitava a imposição. Com um agrado você me levava para qualquer lugar, mas se me obrigasse a fazer qualquer coisa que fosse contra minha vontade eu não fazia.

No Seminário, você já tinha formulação para o problema do inferno?

Filosoficamente se dizia que Deus era onisciente, onipresente, justo, bom num grau supremo, etc. Eu não conseguia, como não consigo, admitir que com esse grau de conhecimento, de inteligência, como ele iria criar alguém para botar no inferno? Eles ensinavam pra gente que é um pecado mortal se você morrer sem se confessar, vai para o inferno. Mas o molequinho de 13, 14 anos que faz uma arte, atravessa a rua, acontece um acidente e vai para o inferno só por causa daquele negócio.

A proporção do castigo não entrava na minha concepção de justiça, um castigo desproporcional ao crime. Vamos chamar pecado de crime. Você exigir de alguém ser batizado, que se submeta a um ritual do qual ele sequer tem conhecimento. Depois que eu saí desse paradigma salvacionista, a coisa ficou muito mais fácil.

Como foi a experiência no noviciado e quais consequências teve?

O noviciado é um local da congregação, um isolamento durante 1 ano em que você não tem estudo formal, é dedicado à vida espiritual, leituras, conferências, rezar cada vez mais, meditação. Tinha um professor de literatura, ele lia a matéria a aula inteira, não admitia perguntas. Todo esse tempo proibido de ser proativo deixava a gente sem o hábito de fazer perguntas.

Por sorte nossa, estava passando uma temporada lá o Superior Geral⁴ que tinha vindo do Canadá. Ele tinha estado no Brasil há alguns anos, uma pessoa culta, mente aberta, e fazia palestras diariamente para nós, em francês para que pudéssemos treinar o idioma. Um belo dia ele amanheceu meio nervoso, bravo, não aguentava mais a passividade dos alunos e começou a nos criticar que éramos passivos, não tínhamos espinha dorsal, não fazíamos perguntas, para ver se levantava o moral da turma.

Ele terminou, eu levantei a mão e descrevi o nosso histórico: nunca tivemos direito de perguntar e o senhor vem querer que milagrosamente nós tenhamos coragem de fazer pergunta? No domingo veio um Superior Regional e pediu para conversar comigo. Fui conversar com ele num jardim muito bonito que tinha lá no noviciado. Perguntei se pediram para me mandar embora e ele disse que pelo contrário. Esse Superior se tornou meu amigo, quando fui para a Europa a gente trocava cartas.

4 Lino Caliani (Romeno, Itália, 1908-1973).

Você poderia fazer uma cronologia básica da sua vida?

Nascimento em 1938, em Conceição dos Ouros/MG. Mudança para Paraísopolis em 1948. Ida para o seminário⁵ em 25 de janeiro de 1951, em São Sebastião do Paraíso. Fui para Castro no meio do ano de 1952 e fiquei até fim de 1956. Lá eu fiz o seminário menor⁶, correspondia ao ginásio e clássico. De 1957 ao fim de 1958 fiz Filosofia em São Paulo, no bairro Ipiranga, era seminário dos Padres de Sion⁷. Em 1959 fui para o noviciado dos Padres de Sion, em Guarulhos.

Em 1960 eu fui dar aulas de matemática e latim em São Sebastião do Paraíso, até o meio de 1961. Aí fui enviado para a França, em Chaville, a 9 km de Versalhes, o primeiro lugar que visitei. A gente pegava trem todo dia, ia até a Montparnasse, perto do Quartier Latin, e depois ia a pé até onde eu estudava, o Instituto Católico de Paris⁸. Fiquei 4 anos, até 1965, fazendo Teologia e estudando línguas orientais, do oriente médio antigo. Além do francês, que eu aperfeiçoei, estudei hebraico, aramaico, grego bíblico, siríaco, ugarítico. Nas primeiras férias eu fui para Israel, nas segundas eu fui para Londres e terceiras fui para Alemanha, a Valendar e a Gau-Algesheim.

Em junho de 1965 me formei e voltei ao Brasil. Fui ordenado em Conceição dos Ouros, uma grande festa. Logo depois que eu fui ordenado teve um Capítulo Geral, um encontro de 4 em 4 anos em que os chefes da Congregação se reúnem para ver os problemas e fazer planos para mais 4 anos. Foi mais ou menos 1 mês de reunião. Lá me nomearam para ir a Jerusalém, fazer estudos de Judaísmo para ter melhor interlocução com os judeus. A finalidade da Congregação, quando os Ratisbonne⁹ fundaram, era converter judeus. Depois do Concílio do Vaticano essa questão de converter desapareceu, mas ainda tinha muita gente com essa ideia.

Fui mandado para Israel, mas antes fiquei 1 ano e meio em São Sebastião do Paraíso dando aula. Saí para Israel em janeiro de 1967. Quando cheguei em Paris havia um telegrama me redirecionando para Londres porque um padre da paróquia de Londres tinha dessorado. Eu queria melhorar mais o meu hebraico para frequentar a universidade, mas como era preciso eu falei que tudo bem, mas pedi 15 dias na Alemanha. Cheguei em Londres no dia 15 de fevereiro de 1967, fiquei 5 meses. Fui para Jerusalém exato 1 mês depois da Guerra dos Seis Dias. Aproveitei, até começarem as aulas, fui pro *Ulpan*¹⁰ e melhorei meu hebraico.

5 Seminário Nossa Senhora do Sion, funcionou de 1942 a 1976.

6 Seminário São José dos Religiosos de Sion.

7 Seminário dos Padres de Sion, rua Lino Coutinho 444.

8 Institut Catholique de Paris, fundado em 1875.

9 A Congregação de Nossa Senhora de Sion (*Congrégation de Notre-Dame de Sion*) foi fundada em Paris por Marie-Theodor Ratisbonne (Estrasburgo, 1802 – Paris, 1884) e seu irmão Marie-Alphonse Ratisbonne (Estrasburgo, 1814 – Ein Karem, 1884), judeus convertidos ao catolicismo.

10 Escola de hebraico para estrangeiros.

Na Universidade Hebraica de Jerusalém¹¹ frequentei aulas de bíblia, arqueologia, assírio, babilônico e sumérico. Isso durante uns 3 anos. Ainda estava com os padres, mas enquanto eu estava estudando veio a grande crise, quando vi que pelos dados da bíblia em hebraico, essa história de inspiração divina, de que foi Deus que escreveu, não batia mais. Era claro que pessoas humanas escreveram. E eu entrei em crise de fé, já não era mais questão de religião, eu nunca fui muito rezador. E naquele problema da crise existencial, disse comigo: vou parar de estudar, se não eu vou perder minha fé. Esse é o pensamento que veio, hoje tenho certeza que era um exopense. Isso foi no primeiro ano, em 1967. Logo no começo já estudávamos as várias fontes da narrativa bíblica, o negócio ficou claro.

Estava na Universidade Hebraica de Jerusalém. Eu fui raciocinando e em dado momento eu pensei: se minha fé não aguenta a verdade, ela não vale nada. Então continuei estudando e aí mudei a concepção de encarar a bíblia como palavras de Deus e passei a encarar como um testemunho da religião judaica, da história do judaísmo, da história do povo hebreu, um livro importante como testemunha histórica, cultural, do povo hebreu. Aquilo me acalmou e eu continuei. Mas aí o papa tinha morrido e o Paulo VI¹² era retrógrado, já não batia o que eu tinha aprendido na teologia com o que eles estavam exigindo, estavam voltando à idade média na concepção. Conservadorismo absoluto.

Já não estava me sentindo bem, não ouvia confissão de casados, porque eu não admitia a condenação do controle de natalidade, achava um absurdo se impor a um casal que eles tenham tantos filhos quanto possam produzir. Depois veio a questão do celibato, até então eu tinha levado à risca. A primeira mulher que eu conheci foi minha esposa. Também não me masturbava, a minha vida sexual era absolutamente castradora, não havia. Isso causou muito problema psicológico, que tive muito trabalho para poder repensar tudo, chegar a encarar o sexo como coisa normal, natural, essencial para a vida. Aí eu pedi para sair. Os padres não deixaram, disseram que era tentação e ia passar.

Eu não tinha dinheiro, saí de casa com 12 anos, escrever pro meu pai pra mandar dinheiro, eu já com mais de 30 anos, não tinha cara, então fiquei. Em fevereiro de 1970, o chefe do Departamento de Bíblia da Universidade Hebraica, meu professor, me chamou e disse: “Afonso, eu tenho uma coisa aqui para você”. Tirou um envelope, eu peguei, abri e era um cheque. Um exemplo de como para ter autonomia pensônica e coerência com seus pensamentos e ações, você precisa ter um mínimo de autonomia financeira. O cheque me permitia viver 6 meses sem auxílio financeiro de ninguém. Ele falou: “isso é para ajudar você”. Até hoje eu não sei como ele ficou sabendo da minha situação.

Eu tinha um colega dos Estados Unidos, estudava na Universidade Hebraica. Eu frequentava o apartamento dele, uma quitinete, ele resolveu voltar e me

11 *Hebrew University of Jerusalem* ou *Ha-Universita ha-Ivrit bi-Yerushalayim* (HUJI), fundada em 1918.

12 Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini (Concesio, 1897 – Castelgandolfo, 1978).

passou o apartamento, o aluguel. Eu acabei usando de vez em quando, mas não conseguia sair definitivo, não tinha emprego.

No dia 8 de abril de 1970 eu estava escrevendo um trabalho para a faculdade e queria citar esse professor que era meu amigo, tinha uma referência bibliográfica que ele tinha escrito na revista *Tarbits*¹³ de 1942. Encontrei a revista, olhei da primeira página até a última e não consegui achar o artigo. Peguei o ano de 1942 todinho e não achei referência ao professor Menahem Haran¹⁴. Liguei para ele, expliquei, ele riu e falou: “Afonso, você não vai achar porque naquela época eu usava o nome russo Diman, não Haran”.

Ele agradeceu a citação e perguntou se eu estava gostando da enciclopédia. Eu não entendi a pergunta e ele explicou que era a Enciclopédia Judaica¹⁵, tinha me indicado para trabalhar lá. Eu não estava sabendo de nada. Ele me pediu o número de telefone, em 3 minutos ligou de volta, me deu o endereço e o nome da pessoa. Fui lá, fui contratado e no dia seguinte comecei a trabalhar. Passados uns dias eu peguei uma malinha com minha roupa, uma Vespa velha que eu tinha, fui embora e não voltei mais pro seminário. Saí sem licença do papa, sem formalidade nenhuma. Simplesmente eu avisei os padres que eu ia embora e pronto, acabou-se.

Trabalhei durante 2 anos e uns quebrados na Enciclopédia Judaica, foi uma época fantástica, muito produtiva, tive contato com a elite da intelectualidade judaica, israelense e mundial. Saí no meio de 1970. Me casei em 18 de agosto de 1970, já conhecia a Maryse, e vivia normalmente, independente, contente com minha vida que eu podia fazer os estudos que eu queria, livre.

Depois eu voltei pro Brasil porque num mesmo dia eu recebi 2 cartas, de um irmão e de uma irmã, falando que minha mãe estava doente, estava fazendo tratamento em Pouso Alegre. Foi a primeira vez que falavam de doença em carta desde que saí de casa em 1951. Fazia 5 anos e meio que eu não via minha mãe, eu falei: “minha mãe tá morrendo, eu vou ver minha mãe”. Pedi exoneração do meu cargo, a Maryse concordou em ir, a gente já tinha um filho de 5 meses.

Chegamos no Brasil no dia 23 de maio de 1972. E para a minha alegria minha mãe viveu ainda 27 anos. Eu fiquei contente porque nos últimos 10 anos da vida dela, fomos nós, Maryse e eu, que cuidamos dela. E nos últimos 20 anos, praticamente, do meu pai. Nós que dávamos assistência, então eu consegui saldar, eu creio, uma dívida com meus pais e isso me fez bem.

Em 1972 voltei para o Brasil pra nunca mais sair. Minha mulher voltou umas 4 vezes para Israel visitando a família dela. Mas eu, *primum vivere deinde philosophari*, tinha que abastecer a mesa dos filhos e da esposa. Trabalhei 40 anos em um

13 Periódico iniciado em 1929, publicado pelo *Mandel Institute of Jewish Studies*, da Universidade Hebraica de Jerusalém.

14 Menahem Haran (Moscou, 1924 - Israel, 2015).

15 A *Encyclopaedia Judaica* foi publicada entre 1971-72, em 16 volumes, pela editora Keter, em Jerusalém, e pela editora Macmillan, em Nova Iorque.

supermercado, mercadinho, quando ficou um pouco maior eu já tinha passado para os filhos. Eu fiquei meio perdido, a vida intelectual praticamente nula em contatos, estava perdido em uma cidadezinha no interior.

Eu lia muito. Em questão de alguns meses depois que eu cheguei, recebi um comunicado da Keter, a firma que produzia a Enciclopédia Judaica que tinha acabado de sair. Ela me mandou 16 volumes por avião, foi a primeira vez que eu entrei dirigindo em São Paulo, fui até Congonhas, mas na época São Paulo era bem mais transitável.

Como foi seu contato com o Espiritismo?

Eu lia, estudava à noite, porque durante o dia eu tinha que trabalhar, mas estava faltando alguma coisa. Em 1974 eu entrei pra Maçonaria e em 1975 eu tinha uns amigos, parentes da Lauisa, que eram espíritas. Em contato com eles eu já tinha lido sobre o espiritismo, acabei assistindo umas sessões deles e a primeira vez que eu fui assistir a sessão eles me puseram à mesa. Foi na casa do tio-avô da Lauisa, o tio Dito¹⁶. Isto foi, salvo engano, em março de 1975. Eu sentei à mesa, começou o trabalho e eu comecei a tremer, um tremor interno no corpo inteiriinho, incontrolável. Imediatamente eles falaram: “você é médium”.

O tempo passou, assistindo outras reuniões, à noite às vezes ficava até altas horas lutando contra barulhos no teto, uns fenômenos bem desagradáveis. Cheguei a cogitar não ir mais. Mas logo depois, em abril ou maio de 1975, veio um senhor de São Paulo, médium, um dos parapsíquicos mais autênticos, comprovados, que eu conheci na minha vida, e olha que eu conheci até Chico Xavier e Waldo Vieira. Uma vidência a toda prova, coisa fantástica, conhecimentos de vidas passadas das pessoas, cura, e era um sujeito simples. O nome dele era Luis Main, era médium de Umbanda. Ele morava numa casa que pertenceu a uma prima da mãe da Lauisa, em São Paulo. Sempre o convidavam para conhecer a fazenda e ele nunca veio.

Até um dia, ele contou, que o José da Teia¹⁷ o convidou. O Pena Branca, que era o guia dele, o mentor dele, disse para ir e levar roupa branca, tudo pro trabalho, e ele foi. Antes disso, o avô da Lauisa estava muito doente, fazendo exames e levaram uma foto dele para Luis Main. Ele tinha esse tipo de parapsiquismo, pela foto ele dizia o caráter da pessoa, o estado de saúde. Disse que era uma pena, muito tarde, o câncer já tinha tomado todo o peritônio, estava espalhado, mais nada o que fazer. E de fato foi a São Paulo, fez exame, constatou exatamente como ele tinha dito.

Então ele foi na fazenda e me falaram que o vidente Main vinha e iam fazer uma reuniãozinha à noite. Maryse ouviu falar em vidente, já pensou que lia mão, cartomante, coisa assim, sentiu curiosidade e falou para irmos. Chegamos, tinha

¹⁶ Benedito Barbosa Pinto, Fazenda Pinhal, Conceição dos Ouros, MG.

¹⁷ Giuseppe Maio e Maria Doroteia Barbosa Maio moravam no bairro Itaim, em São Paulo.

uma reunião de família, a família da Lauisa era uma das tribos maiores de Conceição dos Ouros, era enorme. Nessa casa o dono tinha 15 filhos, fora os netos. Um clã grande. Eu, como a maioria das pessoas, achava que Umbanda era uma coisa só. Depois eu descobri que é um termo guarda-chuva e abriga vários tipos de mediunidade, de trabalhos, de doutrina, não é uma unidade única homogênea.

Começou o trabalho, o caboclo desceu, mas desceu com uma força muito grande e o médium bateu um dos joelhos no chão e eu pensei: “poxa vida”. Tava num antagonismo total. Precisa ser com tanta humilhação do médium? É como se tivesse acontecido ontem, lembro detalhes. Ele levantou, bateu no peito, um olho grande, as pessoas estavam em volta dele em círculo, deu a volta e se dirigiu para mim. Eu nunca tinha visto aquele senhor, nem ele tinha me visto. Pegou nas minhas duas mãos, foi me puxando para ir para o centro da roda e eu mentalmente disse: “Umbanda não!”. Quando eu pensei isso, ele soltou minha mão e foi cuidar dos outros. Lembro que a Maryse estava do outro lado, ela me perguntou em hebraico: ele te hipnotizou? E eu respondi: eu não deixei. Naquela época a Maryse praticamente não falava português.

E ele continuou trabalhando, aí vinha uma senhora, ele olhava na mão dela, apontava para o marido e perguntava: ela é sua? O marido dizia que sim, ele chamava, conversava, dava conselhos. E eu escutando, antagônico, mas escutando. Em dado momento, depois que ele descreveu a vida de um casal, eu pensei: “mas esse caboclo mora na casa deles ou o quê?”. Porque ele conhecia exatamente os conflitos, o marido é dessomado há muitos anos, se amavam muito, mas brigavam o tempo todo.

Aí chega um dado momento vem um garoto de uns 15 anos. Hoje ele é barbudo, é da Conscienciologia, tem 4 filhas também voluntárias. É o Flitzelman, primo da Lauisa. O caboclo enfiou a mão no bolso dele, tinha uma caixa de fósforos e falou: “você está formando os seus pulmões, o seu organismo, está crescendo, não deve fumar, faz mal pra você”. O pai dele veio até os dois e falou: “ele carrega fósforo, mas não fuma, não”. O caboclo disse assim: “Você não sabe, mas o caboclo sabe. Você fuma ou não fuma, filho?”. O menino concordou com a cabeça. O pai, vermelho de vergonha, se afastou e o caboclo continuou conversando. Daqui a pouco ele chama o pai e pede que o pai não castigue o moleque.

E assim foi continuando, quando estava quase no fim, já não tinha mais ninguém, aí o tio da Lauisa me perguntou se eu não ia tomar passe. Eu aceitei: “ah, não aleija”. Esse era meu estado de espírito: não vai me aleijar. Eu fui e ele me mediu, passando a mão desde a região da cabeça até os pés, levantou e disse: “não é burro esse moleque”. Essa foi a frase. Ele começou a falar comigo, dizer as coisas mais secretas que eu tinha, preocupações com a humanidade, o meu desejo de ajudar, enfim coisa minha, modesta, que eu não queria que ninguém soubesse. Eu chorei

de raiva e pensei: “ele não tem direito de me despir na frente de todo mundo”. Depois eu vim a saber que ninguém entendeu nadinha do que ele tinha dito. Mais tarde eu estudando entendi que nós tivemos uma conversa transmental, para mim que era iniciante eu estava conversando e falando com a boca.

Eu fiquei de lado e emburrado lá no canto, voltei para o meu lugar e ele foi atender mais umas pessoas. Num dado momento ele virou para mim e, quase chorando, disse: “o fio tá maguaguado com Pena Branca?”. Ele falou um linguajar bem abastardado. Eu disse que tinha ficado chateado, mas não era nada. Quando eu falei que tinha ficado chateado aquilo sumiu, aquele constrangimento, mal-estar, sumiu e eu fiquei hígido, sem problema nenhum como se tirasse com a mão.

Terminou o trabalho e eu falei que queria conversar com o médium, ele marcou para o outro dia, um domingo, na parte da manhã. No terreiro tinha um barranquinho, ele sentou no barranco, eu sentei e durante 3 horas fiz perguntas para ele. Em dado momento, eu me disse mentalmente: “mas Laurentino, afinal de contas, você frequentou universidade, viveu no estrangeiro, estudou e está aprendendo com alguém que só tem o terceiro ano do primário”.

Aquilo ali me deu uma certeza que o parapsiquismo é coisa séria, eu me interessei. Passado uns tempos, outro tio da Lauisa foi para São Paulo comigo, fazer compras, e me convidou a ir no centro do seu Luis. Era no Butantã, um centro pequeno, cabia 100 pessoas. Eu vi o trabalho, não entendia muito bem, mas me sentia bem.

Voltei talvez um mês depois e aí aconteceu um fenômeno parapsíquico que eu reputo o mais importante da minha vida. Aconteceu às 20h30 mais ou menos, dentro do terreiro do seu Luis. Eu fui tomar passe com o Preto Velho. Desde a adolescência eu tinha uns problemas muito sérios, de vez em quando eu ficava triste por um dia, dois dias, uma semana e nada, não tinha interesse para nada, tinha revolta contra a guerra, contra o sofrimento, doenças, injustiças. Eram coisas que me faziam perder o interesse pela vida, como se eu estivesse em um beco sem saída, não via solução para a situação da humanidade e isso me fazia muito mal. E aí nesse dia o Preto Velho pôs os dedos na minha testa e disse: “faça um pedido”. O que eu vou pedir? Pensei nos meus pais, que abençoe meus pais, etc. Quando eu pensei isso, me senti em cima da casa deles, a 250km mais ou menos de lá, em cima de Minas Gerais, sentindo conflitos, dores. Era como se eu estivesse sentindo o que as pessoas estavam sentindo, tudo de mal, como se tivesse assimilado tudo aquilo. Hoje falo que eu dei a volta no Planeta, passei por todos os continentes, essa era a impressão que eu tinha. Eu chorava, chorava, chorava de angústia de sentir todos aqueles sofrimentos da humanidade.

Num dado momento, eu comecei a ouvir uma música fantástica e o mal-estar, aquele sentimento, aquela dor, aquilo desapareceu. Uma paz imensa veio e aí uma informação em bloco, eu peço desculpas, sempre traduzo do mesmo jeito, mas é muito mais: “tudo isso um dia vai acabar, mas não é nem hoje e nem

amanhã. Para que isso aconteça, cada um tem que fazer sua parte e você a sua”. Traduzindo, porque eu não ouvi nem uma palavra, o mais próximo que eu entendi é isso.

Daquele dia em diante nunca mais eu tive sentimento negativo, fui pessimista, tive essa “fossa”, como a gente chamava, e sempre com a ideia de que eu precisava fazer algumas coisas, fazer a minha parte. Logo depois a gente começou no centro e atendemos as pessoas durante 37 anos. Houve curas, muita, muita coisa.

Por que você ficou antagônico no primeiro contato com a Umbanda?

O que eu sabia de Umbanda é o que via na televisão e tinha lido. Tinha assistido uma palestra de um frade franciscano, Boaventura¹⁸, que depois se tornou bispo. Quevedo¹⁹ escrevia contra o Espiritismo e ele escrevia e falava contra a Umbanda. Representou Umbanda como uma coisa absolutamente negativa.

Questão de vela, despacho, eu já tinha visto. Uma vez me disseram que a cachaça de um despacho era para os exus. Eu peguei um copo de cachaça que tinha, tentei pôr fogo e não pegou. Eu falei que a cachaça era *água fraca*, a última que saía do alambique, não pega fogo de jeito nenhum. Só mais tarde eu fui entender que quando eles oferecem, a consciex absorve a energia e não pega fogo. De fato fiz experiência depois. A minha imagem de Umbanda era mais ou menos isso.

Outra vez eu tinha ido conversar com um pretinho velho, falei que tinha problema de rim e ele disse que eu ia ter que tirar um rim. Que psicologia, eu pensei, o cara está com problema de rim e ele diz que vai ter que tirar. Até hoje não perdi. Não senti firmeza com essa médium, ao contrário do seu Luís, que tinha bagagem e é de fato um médium positivo. Então a minha imagem de Umbanda era absolutamente negativa.

O que aconteceu com a doutrinação católica de não poder perguntar, ao fazer tantas perguntas, ao médium, sobre o parapsiquismo? O que sentiu e pensou naquele momento?

Foi natural, analisando depois com outros conhecimentos, durante aquele trabalho do seu Luis eu estava atuando, assimilado com o que estava acontecendo, e senti firmeza. Quando eu fiz as perguntas e ele foi respondendo, aconselhou a ler livros do Chico Xavier para que eu tivesse melhores noções do outro lado, afinal aquilo me deu firmeza.

Outra coisa, nessa Umbanda Branca, sem despacho, trabalho de exu, sem nada disso, tinha uma coisa que nem o kardecismo tem e que eu não vi em religião

18 Carlos José Boaventura Kloppenburg (Molbergen, 1919 — Novo Hamburgo, 2009).

19 Óscar González-Quevedo Bruzón (Madrid, 1930 — Belo Horizonte, 2019).

nenhuma: o acolhimento a qualquer tipo de pessoa, nenhuma discriminação, seja pobre ou ignorante, fedido ou cheiroso, miserável ou não, médico, juiz, advogado, seja quem for eles tratam do mesmo jeito. O tempo para dar atenção à pessoa é a necessidade da pessoa e não o título que ela tem.

Esse acolhimento convergia com o valor de justiça que você relatou ter desde a juventude? Seria um viés político?

Minha resposta é sim, porque eu era universalista desde pequenininho. Eu tinha amigos pretos, durante a minha vida toda tive amigos de várias religiões, essas diferenças nunca me afetaram. Um dos maiores amigos meus da infância era um pretinho, filho de um empregado do meu avô. Quando eu mudei da roça para a cidade, com 10 anos, eu não sentia saudade do avô, nem da avó, do tio nem nada. Eu sentia saudade do pretinho que era o companheiro de brincadeira. Depois ele se deu na vida e mudou para Campos do Jordão, São José dos Campos, etc.

E a transição paradigmática para além da Umbanda?

Ainda na Umbanda, antes de cada sessão eu falava com o público que no meu tempo de padre eu não ligava muito para rezar, para celebrar missa. Essa história de repetir o sacrifício de Jesus no calvário, eu achava um absurdo danado. Uma vez já é muito, cada vez morrer de novo não fazia sentido para mim. Conversar com o povo, esclarecer, era uma coisa que eu prezava.

Quando eu estive na Inglaterra, em 1967, até a Páscoa eu escrevia os meus sermões, um aluno irlandês revisava e eu lia. Na Páscoa eu decidi que esse negócio de escrever, sem estar olhando as pessoas, não dava. O sermão da Páscoa eu já fiz no gogó, sem papel nem nada. As missas começaram a encher de paroquianos, e as do padre vigário, o chefe, tinha menos gente. Alguém me disse que a pessoas vinham mais à minha missa porque nunca sabiam o que eu ia dizer, já o outro era sempre repetição da mesma coisa. Não havia empenho de estar vivendo o que se está falando.

Eu fazia na Umbanda isso, de tudo que eu conhecia, naquela época nada melhor para um bom contato com as pessoas que os evangelhos. Eu falo dos três primeiros evangelhos, do João eu deixo de lado, não tem nada a ver, pra mim não diz nada. Eu comentava um trecho do evangelho e trazia para o dia-a-dia um entendimento na família, dependendo das pessoas que vinham no centro. Se tivesse muita criança, falava o que elas pudessem entender.

Com o tempo passando fui me dando conta que estava amadurecendo dentro de mim a compreensão das coisas. Depois de ter visto tantos acontecimentos, sobretudo de curas, no centro ou fora do centro, curas comprovadas, eu concluí que o argumento usado nos evangelhos pra dizer que Jesus é filho de deus ou é deus

ou é o enviado, não fica de pé. As coisas que ele fazia, curas, etc, a gente faz no centro, eu faço e sei as minhas misérias, defeitos, erros, eu sei que não sou deus, não sou nada de diferente das outras pessoas, eu sou uma pessoa comum. Essa questão de Jesus/Deus pacificou, não tenho mais essa lavagem cerebral, desapareceu.

Em 1975, no ano desses fatos, eu tive também um insight em que eu compreendi o absurdo do dogma, um flash de clareza. É um absurdo você colocar uma frase ou mais e dizer que é a única maneira de entender aquilo em relação à verdade, até o fim dos séculos, não tem mudança, não tem outra maneira de ver. Para quem desde pequeno sofreu lavagem cerebral, é uma libertação. E essas coisas fizeram com que desabrochasse.

A minha teoria a respeito de mudança de paradigma, eu acho que não existe realmente. Existe um desabrochar de compreensão de alguma coisa que estava confusa, porque quem não tem abertura para coisas novas não muda de paradigma, fica fixo, é alguém que parece não estar satisfeito. Eu nunca estava satisfeito com o modo como apresentavam as coisas pra mim. Por exemplo, rezar terço, eu achava um absurdo ficar repetindo, afinal de contas eu não aguentaria alguém ficar repetindo as coisas pra mim, ficar pedindo as coisas para deus. Mesmo dentro do paradigma salvacionista aquilo não fazia sentido pra mim.

A questão da autonomia evolutiva que é a grande diferença. Claro que a gente não afirma que é autônomo, ninguém é totalmente autônomo, mas a pessoa tem que fazer sua parte para evoluir. Não tem jeito de alguém evoluir pelo outro, pegar e transformar em evoluído. Nós não somos bonecos, não somos programas de computação que troca e aí o computador fica bonito e forte. Não somos assim. É um desabrochar, um despertar. Isso provavelmente é chamado de recuperação de cons.

Certas coisas para mim eram pacíficas, outras não eram, outras fui me libertando aos poucos. Chegou um dado momento dentro da Umbanda que eu me perguntava: será que só eu penso assim? E eu fui para a turma que frequentava o centro, levando devagarinho e mudando a maneira de falar, de apresentar as coisas. Chegou um ponto que, sem usar a terminologia, eu tava ensinando Conscienciologia sem saber.

E a Conscienciologia? Como se deu o contato e de que modo foi ocupando mais espaço no seu pensamento?

Eu tive acesso ao [livro] *Projeções da Consciência* em 1986. Tem até aqui marcado no livro: Laurentino José Afonso, 20 de setembro de 1986, Conceição dos Ouros. Alguém me falou do livro, não lembro exatamente, e eu li. Justamente quando foi lançado o [tratado] *Projeciologia*. Como eu já tinha tido várias projeções, sobretudo nos anos 70 e começo dos 80, longas, menos longas, gostei muito da maneira científica de tratar, escrever, anotar tudo.

E eu fiquei sabendo que o *Projeciologia* tinha saído. Aí eu mandei uma carta e pedi que enviassem um exemplar. Uns dias depois, vou ao correio e lá está um pacote, não tinha nota fiscal, fatura, não tinha nada. Tinha um telefone, eu liguei e a esposa do professor Waldo, dona Elisa, atendeu, muito gentil. Eu perguntei como fazia para pagar. Ela respondeu, não lembro a palavra que usou, era um presente, cortesia. Eu agradei.

Li, fiz algumas técnicas, mas o momento era difícil para o comerciante. Começou a estourar a inflação, o *primum vivere* era premente, não tinha como cuidar de outra coisa. Então eu nunca fui assistir uma conferência do professor Waldo quando ele esteve no Vale do Paraíba, nem em São Paulo, nem no Rio.

Passados uns tempos, em 1995 ou 1996, uns 10 anos depois, tive contato com o *Manual da Tenepes*, mas continuei aquilo ali. Em 2000 e qualquer coisa, eu fiquei sabendo pela internet que havia um instituto da Conscienciologia em Foz do Iguaçu. Entrei na página, achei o linguajar abstruso, estranho, “para” isso, “para” aquilo, um neologismo meio estranho, mas por quê? Também não continuei a entrar em contato, não dava mesmo, as minhas ocupações, o tempo que eu tinha além do centro era pra descansar um pouco.

Em em abril de 2010, me veio assim uma coisa, dentro de mim: o que o Waldo está fazendo uma hora dessas? Que será, como é que está o trabalho dele? Uma curiosidade. Procurei na Internet e encontrei as tertúlias. Assisti a uma tertúlia, outra e mais outra. Para resumir, no fim de abril eu já estava fazendo tenepes, continuei fazendo EV e assistindo tertúlias.

Em agosto minha mulher viajou de novo para a França e Israel, e antes ela falou: “vai pra Foz, passar uns dias lá, você gosta, vai?”. Eu respondi que não, gastaria dinheiro e tal. Mas ela insistiu e no dia que ela estava saindo da França para Israel, 15 de agosto de 2010, eu estava chegando em Foz.

No dia seguinte, eu cheguei no restaurante e o professor Waldo já tinha começado a almoçar com aquela turma que ficava com ele, os alunos mais chegados. Eu sentei na mesa em frente e almocei tranquilo, no meu canto, não sou de fazer muito alarde.

O professor terminou de almoçar, levantou e veio em frente à minha mesa. Cumprimentou, perguntou meu nome, de onde vinha, fez uma ou outra pergunta e depois botou o dedo assim no meu nariz e disse: sabe quem trouxe você aqui? Respondi: sei não. Foi a Filippini²⁰, ele disse. Pelas tertúlias conhecia a amparadora Veronesa, não sabia que o nome real dela era Filippini, em outra vida.

Ele conversou comigo um tempão, logo depois fomos para o Tertuliarium e no meio da tertúlia ele me apresentou para as pessoas²¹. Eu fiquei uns 10 dias.

20 Lucia Filippini (Tarquinia, 1572 – Montefiascone, 1632) foi uma religiosa católica, fundadora da congregação educacional das Mestras Pias Filipenses, em Roma, 1607.

21 Tertúlia 1667 – Holopensene polivalente (Holopensenologia). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v-w0oJ7cwgI>>. Acesso em: 25.08.2020. Trecho entre 00:44:57 e 00:46:00.

Gostei muito, naquela época eles estavam fazendo propaganda da Escola do Parapsiquismo, ia iniciar em janeiro, e eu acabei me inscrevendo. Depois voltei, fiz o módulo piloto.

Fiz o Imersão Projecioterápica em Curitiba, abril de 2011, o primeiro curso de campo. Durante um dos campos eu tive uma retro, um flash, em que eu reconhecia alguém que hoje é da Conscienciologia e que estava lá nesse curso, como sendo minha filha, só que no flash ela tinha mais ou menos 14-15 anos. Uns meses depois, no segundo bloco da Escola do Parapsiquismo, essa mesma pessoa teve uma retro que eu era o pai dela, o negócio bateu e até hoje eu a considero minha filha e ela me considera pai e tudo bem, estamos os dois na Conscienciologia.

A Escola do Parapsiquismo é interessante porque o ano inteirinho tinha atividades diárias. Eu fiz uma limpeza numa salinha onde eu recebia as pessoas lá em casa, atendia quem me procurava, conselho, cura, orientação, assistência psicológica, de saúde. Tinha umas imagens, umas coisas, e eu tirei. Minha mulher de início estranhou, mas aceitou. Devagarinho ela começou a ver que eu estava mudando, umas coisas minhas melhorando e ela também começou a se interessar.

Em 2012 ela veio comigo para Foz, ficou encantada, como eu fiquei na primeira vez. Quando eu me despedi em 2010, na última tertúlia que eu assisti, eu disse uma frase assim: “aqui eu constatei que a lenda do paraíso não é tão lendária assim, eu encontrei o paraíso aqui”. Aí o professor falou que trataram o Laurentino muito bem, ficou todo contente que as pessoas me receberam bem e que eu me senti bem. E ele disse para eu voltar, que não precisava esperar o Megacentro Cultural ficar pronto, podia vir antes. Eu espero que o Megacentro saia!

E aí nós tomamos a decisão, eu e minha mulher, de vir para Foz. Nós viemos fazer um curso e deixamos 2 dias livres para procurar um apartamento, qualquer coisa para a gente alugar. Nesses 2 dias nós achamos um local para construir uma casa, achamos meios para pagar essa casa, porque em dinheiro vivo eu não tinha. Em 2 dias isso clareou e pronto. Encarreguei uma pessoa de olhar a construção para mim e em 3 meses e 10 dias a casa estava pronta. No dia 8 de janeiro de 2013, às 11h30 da noite, nós estávamos chegando em Foz.

O que significou o contato com o professor Waldo Vieira?

O professor Waldo representou alguém que me fazia sentir firmeza nas ideias que eu tinha, que era a teoria da Conscienciologia, não tinha nada de novo para mim, aquilo era tudo possível. Claro que a maneira de expressar era dele, mas a essência para mim é pacífica, nunca tive dificuldade nenhuma com nada e ele sempre me tratou muito bem, com muito carinho, muita bondade mesmo.

Na segunda vez que eu vim na Escola do Parapsiquismo ouvi que alguém tinha recebido arco voltaico do professor Waldo, aí eu fui conversar com ele no Holociclo. Ele perguntou se eu queria alguma coisa e eu perguntei se ele podia me

fazer um favor. Ele perguntou o que seria. Eu pedi para ele fazer um arco voltaico em mim. Ele respondeu: “eu não vou fazer arco voltaico em você, não precisa, você está com a aura limpa!”. Esculachou comigo.

Uma das outras vezes que eu vim ele me chamou de intelectual, que eu era intelectual. Eu respondi que não era intelectual. Afinal de contas, 40 anos enterrado em Conceição dos Ouros, como é que me chamava de intelectual! Ele ficou bravo comigo e falou: “assuma a sua condição!”. Nunca mais falei isso. E aí ele falou: aqui tem 2 intelectuais. Ele falou de duas pessoas de idade. Uma é da política e a outra é da literatura, mas você é técnico, dê valor a isso. Chamou mesmo à responsabilidade.

O que avalia sobre os verbetes que escreveu para a *Encyclopaedia Judaica*, sendo a temática de muitos deles relacionada ao extrafísico, transcendente? Como relaciona ao seu processo evolutivo?

Eu sempre tive como coisa pacífica para mim a continuação da vida, o outro lado, o que a gente chama de extrafísico. Eu já refleti muito sobre isso. O primeiro verbete que me pediram foi sobre a Morte, depois a Imortalidade da Alma, a *Genena* – o que a gente pode chamar da *baratrosfera*, mundos inferiores, *netherworld*.

Todos esses assuntos vieram para mim, não que eu tivesse procurado, foi pedido. Provavelmente tinha alguma mão por trás, extrafísica, direcionando isso. Minha ida para a Enciclopédia tinha amparo total. A começar pelo professor Haran, eu considero um dos grandes amparadores intrafísicos meus, não tenho dúvida que sem ele eu não sei qual seria o plano B. E como é um assunto que me interessava, eu aceitei fazer quase com alegria, sem problema nenhum. Fiz vários outros artigos, por exemplo, o Bezerro de Ouro, mas um rabino não aceitou uma das afirmações e eu não quis assinar, deixei só assinado Ed (editor).

Esses temas têm relação com a Cabala, são mais ocultos, mas o Gershom Scholem²² não fez, caiu na sua mão. Até que ponto são temas mais práticos e ele ficou com as coisas mais filosóficas?

Pode ser. Uma coisa aí que bate é o seguinte: para mim teoria sem prática não tem valor nenhum. Isso sempre foi assim, se alguém fala muito bonito, mas não age de maneira... Eu sofria muito cada vez que eu errava, pisava na bola. Eu não me lembro de ter feito injustiça, mas às vezes no falar qualquer coisa se acaba fazendo e era um verdadeiro tormento para mim. Eu falava comigo mesmo: “você não tem direito de fazer isso”.

²² Gershom Scholem (Berlim, 1897 - Jerusalém, 1982) foi pioneiro dos estudos sobre cabala em meio acadêmico.

Considera que mudou esse traço?

Eu acho que não, porque isso é o tal do autoimperdoamento.

Uma das características do paradigma religioso é a autocolpa.

Você acha que ser autoimperdoador seria autocolpa?

Um dos desafios do paradigma consciencial é lidar com os próprios erros sem autocolpa e com discernimento. Autocolpa e autoimperdoabilidade são coisas bem diferentes.

Se você não sente que pisou na bola, não tem jeito de ser autoimperdoador. Para você não se perdoar, tem que olhar na cara, ver que errou e dizer: “olha, você me decepcionou, não volte a fazer”.

O problema é que o medo do erro gera uma descarga de adrenalina e uma resposta psicomotora que não passam pela racionalização.

Interessante ponto de vista.

Você conheceu pessoalmente o Gershom Scholem?

Não, o Gershom Scholem, não. A gente teve acesso à matéria que ele publicou na enciclopédia, mas ele não estava lá. O verbete Cabala, por exemplo.

Então o seu primeiro paradigma foi o familiar, o *catolicismo*, com que na infância já rompeu. Depois um paradigma mais intelectualizado, a *teologia católica*. Na Enciclopédia Judaica mergulhou na *teologia judaica*. Não quer dizer que aderiu, mas trabalhou alguns anos. Ao que parece já mais cético do que religioso, numa relação de desconstrução, mas sem negar a possibilidade de algo além da matéria. E no Brasil aderiu, por mais tempo na sua vida, ao *paradigma espiritualista*, da Umbanda branca. E por fim ao *paradigma consciencial*, da Conscienciologia. Foram 5 paradigmas. Está correta essa reconstrução da sua transição paradigmática?

Está. Agora esse ceticismo, moderado digamos, tem muito a ver com a Conscienciologia. Essa concepção de verdade relativa está bem no ceticismo. Não deixa nada como absoluto, definitivo, dá sempre uma abertura para algo mais, uma compreensão maior. Para usar uma frase do professor Waldo que eu assino embaixo: “se eu achar algo melhor do que isso, eu mudo imediatamente”. Acho que isso é a cereja do bolo. Você está aberto a tudo que é melhor do que você conhece

até agora e você conseguir viver dentro de uma concepção, um paradigma, na terminologia de vocês, algo que satisfaça ao máximo naquele momento, eu acho que isso é a base que dá sustentação.

Você veio então desconstruindo e construindo, lapidando, por você mesmo elementos ou princípios que acabaram convergindo com a Conscienciologia naturalmente.

Na realidade eu não sabia, mas eu era parapsíquico desde criança. Garotinho com 8, 9 anos eu curava pessoas que tinham íngua. A gente fazia uma simpatia que tinha aprendido com a vovó e a íngua desaparecia quase instantaneamente. A íngua é uma defesa do organismo, na realidade a infecção ia embora. Isso eu era pequenininho. A simpatia era uma coisa gozada porque tem um ritualzinho, deve ser coisa do passado, passadão mesmo.

Tinha outra coisa, a vovó tinha nos ensinado para quando a gente saísse na fazenda e passasse perto de boi bravo, dizia uma frase, podia passar sossegado que não acontecia nada e nunca aconteceu mesmo. Hoje como adulto eu não ensinaria isso para uma criança de jeito nenhum, vai que a coisa não funcione.

Você considera que o conceito de verpon seria transversal a todo esse processo de transição paradigmática? Uma ideia inata?

Andava o tempo todo procurando, minha vida foi de uma procura, como um viajante.

Você iniciou a fase executiva da proéxis no Brasil, voltou aos 34 anos. A fase preparatória teria sido mais teórica e a fase executiva mais prática. Teve uma vida de comerciante e a bagagem intelectual foi mantida, mas teve que fazer a conexão da teoria com a prática na marra. Parece que é uma maneira de desenhar umas linhas da sua proéxis. Tem lógica?

Tem, tem, tem.

No centro, você lembrava o que falava quando estava em transe parapsíquico. Sempre teve esse processo mais autônomo de filtrar o que as consciences falavam? E quando começou a Escola do Parapsiquismo, o que mudou na sua concepção de parapsiquismo comparada à de quando trabalhava no centro?

A expressão que eu sempre usei quando eu falo disso é que eu estava de carona, vendo o carro andar, consciente de tudo, mas não era eu dirigindo. Então uma pessoa chegava, fazia uma pergunta, eu não tinha a mínima ideia qual era

a resposta e a resposta saía, uma orientação. Eu aprendi muito com as consciences nesses 37 anos no centro, sobre a realidade da vida, como se comportar, respeito aos outros, uma coisa assim no ato, não só em teoria.

Na concepção de parapsiquismo não, francamente não. O guia para mim foi sempre um companheiro, um amigo, eu nunca considerei como alguém que manda em mim ou coisa assim. É a mesma coisa de um amparador. Quando eu ouço alguém falar muito do amparador, meu amparador, seu amparador, parece mais religião que outra coisa. O amparador é um cooperador, um amigo, assessor. É o controlador de vôo vendo as coisas, ele dá orientação mas não força nada. A concepção que eu tinha era essa, tanto que eu não aceitava incorporação de quem não conhecia, não tivesse confiança. Eu sou brabo, tinha mais dificuldade para incorporar do que para desincorporar.

Como você se vê na relação entre intelectualidade e parapsiquismo?

Eu acho que consciente ou inconscientemente sempre funcionou, a maneira de compreender as coisas. Uma vez encontrei em Jerusalém, no sebo, o livro *As Aventuras de Huckleberry Finn*²³, no original. Levei para casa, li e me delicieei. Tinha um professor francês, que falava inglês tranquilamente, me viu olhando o livro e pediu emprestado quando terminasse. Passei para ele e após uma semana nenhum comentário. Aí eu perguntei para ele: o que você achou do *Huckleberry Finn*? Ele respondeu que não tinha entendido nada. Eu falei que é dialeto, mas está escrito em inglês. Ele trouxe o livro e fui lendo passando o dialeto para inglês normal.

Eu nunca tinha ido aos Estados Unidos. Quando eu estudei alemão, tinha uns 14, 15 anos, indo para São Paulo de trem, uma senhora sentou na minha frente e falava, mas falava o tempo todo. Fui conversando quase a viagem inteira, até que foi legal. Ela era da Iugoslávia, “Jugoslovenisch” ela falou, e além do iugoslavo ela falava um dialeto alemão. Ela conversava comigo no dialeto. Se eu disser que entendi palavra por palavra tudo que ela disse será mentira, mas mantive conversa, com 15 anos de idade, durante a viagem, tranquilo. Chegamos em São Paulo, vieram os filhos para recebê-la, ela me apresentou e o pessoal falava o dialeto. Parece que eu entendia, pronto e acabou-se. O inglês eu tive um mês de aula na minha vida. Não é que eu seja um gênio, eu acho que tem a ver com simplesmente recordar.

Seria paragenético?

Paragenético...recordar. Então isso pra mim tem a ver com parapsiquismo.

²³ *Adventures of Huckleberry Finn*, de autoria de Mark Twain (pseudônimo de Samuel Langhorne Clemens; Florida, 1835 - Redding, 1910), publicado em 1884.

Quais são os idiomas que você fala ou entende?

Que eu falei, porque para falar você tem que ter um certo treino, uma certa prática. Você começa a procurar a palavra e talvez no segundo dia que você está conversando que a coisa começa. A minha mulher, por exemplo, ela falava perfeitamente hebraico, cresceu em Israel. Às vezes ela está conversando com as irmãs e daqui a pouco ela passa para o francês, tropeça no português, é normal. Depois de uns 15 minutos conversando parece que a coisa engata.

Eu falei na minha vida, vamos dizer, celebri missa em 6 línguas. A primeira língua que eu falei foi um dialeto caipira que se pode encontrar no dicionário²⁴ do Amadeu Amaral. Depois o português, francês, alemão, inglês eu comecei a estudar na Filosofia. Depois eu aprendi hebraico, cheguei a falar espanhol quando estava na França, italiano eu entendia um pouco. Basicamente é isso: português, francês, inglês, alemão e hebraico, as cinco línguas que eu falava e escrevia tranquilo.

E as línguas antigas?

Latim no tempo da Filosofia, eu leio ainda até hoje, uso dicionário quando vou estudar português. Grego, tenho noção de grego moderno, mas acabei esquecendo. Tenho umas noções de japonês, se eu pegar durante 15 dias coisa simples eu leio tranquilo. Tem uns 3 livros aqui que eu já li, de japonês para estrangeiro, digamos o nível B, de iniciante e o próximo do básico.

E as línguas orientais?

Eu estudei, mas faz mais de 50 anos. Inclusive eu tenho livros, estudei babilônico, estudei assírio, a gente traduziu textos. Aramaico, fui diplomado em aramaico, sabia bem. Siríaco, a gente conta como siríaco, mas na realidade era um dialeto aramaico, dialeto cristão. O alfabeto é diferente, tem até dois alfabetos do siríaco.

Você chegou a ler em cuneiforme?

Cuneiforme sim, quando estava estudando o sumério e acádico, que é o babilônico, assírio-babilônico. Até uma curiosidade interessante a respeito dos deuses, tem um poema da criação, da Cosmogonia, chamado Enûma Eliš²⁵. Se você ler a versão assíria, diferençazinha de grafia sobretudo o final das palavras. No babilônico o substantivo termina em M “mum” e no assírio é U corta o M. O poema

24 *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteadó (Capivari, 1875 — São Paulo, 1929), foi publicado em 1920.

25 O mito de criação babilônico, com datação estimada entre os séculos XVII e XII a.e.c.

é o mesmo, mas o nome do deus principal é Ashur que é o deus da Assíria. E na versão babilônica, que é a anterior, é Marduk, na bíblia chamado de Bel. É como se fosse Júpiter e Zeus. A história é a mesma. É interessante ver como os antigos tinham jogo de cintura com essas coisas, acho que não levavam muito a sério.

O que de melhor a Conscienciologia lhe trouxe?

Confirmação. Porque é duro você estar num ambiente em que você pensa diferente dos outros e não encontra alguém com quem possa trocar ideias. Você tem que esconder, praticamente sonegar informação, porque se você soltar faz estupro evolutivo. É terrível isso, e eu vivi anos e anos assim, tendo que usar um linguajar para poder comunicar, é a linguagem que a pessoa consegue entender. É uma partezinha da verdade.

A questão da verpon é maravilhoso por causa disso. Uma compreensãozinha, outra, mais outra, igual matemática você pega as quatro operações básicas, depois vem a álgebra, o cálculo infinitesimal e etc. Mas aquele pequenininho é uma parte da verdade, uma maneira de entender, a linguagem de quem está naquele nível. Por isso que eu tenho muita simpatia com a pessoa que ainda está na religião e que é sincero. Se ele tem abertura, se eu vejo que ele anda procurando, quer entender, eu dou uma pílula para ele a mais. Se não, eu só falo que a gente pensa de outra maneira, mas respeito, deixo para lá porque não adianta, é perda de tempo. Mas devagar você consegue, uma pilulazinha hoje, outra amanhã, outra no mês que vem, vai indo, a pessoa começa a assimilar.

Eu vi no centro de Umbanda, tudo mudou, a concepção, trazia sempre a responsabilidade para si. Era sempre assim, a pessoa vinha com uma questão, eu esclarecia, mas queria que eu dissesse o que ela devia fazer. Você que vai saber, você que vai tomar a decisão.

E tinha uma frase interessante que eu ouvia as consciexes dizerem: quando você está em dúvida, não sabe para onde ir, tem que tomar um caminho, se ficar parado não chega em lugar nenhum. Você chega numa encruzilhada, sabe para onde quer ir, mas não sabe o caminho. Não tem uma placa, ninguém, nenhuma casa. Se você ficar parado ali, nunca vai chegar. Então, por exemplo, vai para a direita até encontrar onde perguntar. Se é para a esquerda, você volta. Ao menos fez um movimento e se errar você corrige, pronto, acabou-se. Se você tiver medo de errar, não chega a lugar nenhum, não evolui. E para evoluir tem que ter coragem.

VERBETES NA *ENCYCLOPAEDIA JUDAICA*

AFONSO, Laurentino José; & SPERLING, S. David. Hunting. In: *Encyclopaedia Judaica*, 2ª Ed., Vol. 9, Jerusalém/New York, Keter/Macmillan, 2007, p. 621.

AFONSO, Laurentino José. Nabonidus. In: *Encyclopaedia Judaica*, 2ª Ed., Vol. 14, Jerusalém/New York, Keter/Macmillan, 2007, p. 719.

AFONSO, Laurentino José. Netherworld. In: *Encyclopaedia Judaica*, 2ª Ed., Vol. 15, Jerusalém/New York, Keter/Macmillan, 2007, p. 110-111.

AFONSO, Laurentino José. Prostitution. In: *Encyclopaedia Judaica*, 2ª Ed., Vol. 16, Jerusalém/New York, Keter/Macmillan, 2007, p. 625-626.

AFONSO, Laurentino José; & ARTZI, Pinhas. Tema. In: *Encyclopaedia Judaica*, 2ª Ed., Vol. 19, Jerusalém/New York, Keter/Macmillan, 2007, p. 599.

BIBLIOGRAFIA CONSCIENCIOLÓGICA

AFONSO, Laurentino José. Alforria da dogmática religiosa. In: VIEIRA, Waldo (Org.). *Enciclopédia da Conscienciologia*. Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2020.

AFONSO, Laurentino José; & TELES, Mabel. Encontros bibliográficos. *Scriptor*, Ano 5, N. 5, 2014, p. 41-44.

BALZAC, Honoré de. *Louis Lambert*. Tradução de Laurentino José Afonso. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2020.